

O GÊNERO (TECNO)DISCURSIVO CIBERCOMENTÁRIO: DEFINIÇÃO, FUNCIONAMENTO E ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL

Ana Paula Cordeiro Lacerda Franco (UFMG)

ana.paula.clfranco@gmail.com.br

Bárbara Amaral da Silva (UFMG)

barbara.amaral87@gmail.com

RESUMO

Intimamente ligados à vida social dos indivíduos, os gêneros discursivos emergem dos diversos usos da linguagem em situações específicas, sendo, portanto, frutos de uma criação coletiva e responsáveis por organizar as variadas formas de comunicação. Nesse contexto, encontra-se o cibercomentário, manifestação textual sobre a qual há pouca teoria, ainda que se trate de uma forma comunicacional recorrente no ciberespaço da atualidade. Com isso em vista, neste trabalho, objetivamos descrever, detalhadamente, a organização estrutural e o funcionamento de cibercomentários de redes sociais, gênero tão relevante nas trocas linguísticas virtuais. Para tanto, embasamo-nos, sobretudo, na perspectiva bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2003 [1952–1953]) e nas contribuições teóricas de Paveau (2021) sobre os tecnodiscursos. Na descrição e na análise do gênero, foi possível perceber não só suas características prototípicas relacionadas aos elementos que, conforme Bakhtin (2003 [1952–1953]), constituem os gêneros - estrutura composicional, conteúdo temático e estilo verbal -, mas também como cada um desses elementos sofre influências tecnológicas, a ponto de o gênero ser classificado, na realidade, como um tecnogênero (PAVEAU, 2021). Desse modo, constatamos que o cibercomentário não é apenas uma construção linguística humana, mas fruto da interação humano-tecnologia, dependendo, nesse sentido, das ações dos sujeitos comunicantes e daquilo que é possibilitado ou não pelas ferramentas tecnodigitais. Como cada ambiente da internet define suas propriedades de publicação, defendemos que as tecnologias são significativamente responsáveis pelas variações de um mesmo tecnogênero, mais especificamente, de um cibercomentário.

Palavras-chave:

Cibercomentário. Tecnogênero. Gênero discursivo.

ABSTRACT

Closely linked to the social life of individuals, discursive genres emerge from the various uses of language in specific situations, and are the result of collective creation and responsible for organizing the various forms of communication. In this context, we find cybercommentary, a textual manifestation about which there is little theoretical groundwork, despite being a recurring form of communication in today's cyberspace. In this work, we aim to describe the structural organization and functioning of cybercommentary on social media, a genre highly relevant in virtual linguistic exchanges. We based our work primarily on the Bakhtinian perspective on discursive genres (BAKHTIN, 2003 [1952–1953]) and on the theoretical contributions of Paveau

(2021) regarding technodiscourses. In the description and analysis of the genre, it was possible to perceive not only its prototypical characteristics related to the elements that, according to Bakhtin (2003 [1952–1953]), constitute the genres – compositional structure, thematic content and verbal style –, but also how each one of these elements is influenced by technology, to the point where the genre is actually classified as a technogenre (PAVEAU, 2021). Thus, we found that the cybercommentary is not merely a human linguistic construct but rather a product of human-technology interaction, depending, in this sense, not only on the actions of the communicating subjects, but on what is or is not made possible by techno-digital tools. Since each internet environment defines its publishing properties, we argue that technologies are significantly responsible for variations within the same techno-genre, more specifically, within a cybercommentary.

Keywords:

Cybercommentary. Technogenre. Discursive genre.

1. Introdução

Intimamente ligados à vida social e cultural dos indivíduos, os gêneros discursivos emergem dos diversos usos da linguagem em situações específicas, sendo, portanto, frutos de uma criação coletiva e responsáveis por organizar e estabilizar as variadas formas de comunicação. Conforme Bakhtin (2003 [1952–1953]), aprendemos os gêneros quase da mesma forma como aprendemos nossa língua materna, no uso da língua viva, na experiência. Ainda segundo o filósofo da linguagem, eles são essenciais, uma vez que, se não existissem e se tivéssemos que criá-los a cada uso da fala, a comunicação verbal (oral ou escrita) seria praticamente impossível.

Marcuschi (2001), por sua vez, destaca o surgimento dos gêneros em resposta às necessidades socioculturais e às inovações tecnológicas. Historicamente, os gêneros evoluíram: inicialmente limitados às culturas orais, multiplicaram-se após a invenção da escrita alfabética, expandiram-se com a cultura impressa a partir do século XV e, na era industrial do século XVIII, aumentaram de modo considerável. Atualmente, na era eletrônica e/ou digital, há uma enorme gama de novos gêneros, tanto orais quanto escritos.

Enviesado por tais perspectivas teóricas, Costa (2015) aponta que e-mails, chats, blogs e outros gêneros do discurso compõem práticas de interação social eletrônica e de produção da cibercultura. Essas possuem como instrumento básico o computador em suas variadas configurações, o que, hoje, envolve os *tablets* em suas diversas versões (aqui, também,

adicionaríamos os aparelhos celulares). Nesses equipamentos, são produzidos e circulam os gêneros digitais (egêneros), os quais se caracterizam por uma significativa interatividade, já que a tecnologia computacional amplia a combinação multimodal/multissemiótica escrita com outras linguagens, tais quais a imagética e a sonora.

Nesse contexto, surge o cibercomentário, ou o comentário *on-line/comentário digital*¹, como também tem sido denominado, gênero discursivo sobre o qual há pouca teoria, ainda que se trate de uma forma comunicacional recorrente na atualidade. Com isso em vista, neste trabalho, objetivamos descrever com mais detalhes a organização e o funcionamento de cibercomentários das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, devido à relevância desse gênero nas trocas linguísticas virtuais. Para tanto, embasamo-nos na perspectiva bakhtiniana acerca dos gêneros do discurso (Cf. BAKHTIN, 2003 [1952-1953]) e contamos com contribuições de Paveau (2021) sobre os tecnodiscursos. Embora a proposta bakhtiniana dos gêneros do discurso seja fundamental até os dias de hoje, para a descrição de um discurso digital nativo, ou tecnogênero, como é o caso do cibercomentário de redes sociais, a análise do discurso digital de Paveau (2021) nos permite refletir sobre esses gêneros que não são de ordem estritamente linguageira e também sobre como “as determinações técnicas coconstroem as formas tecnolinguageiras” (PAVEAU, 2021, p. 31), perspectiva que ficará mais clara no decorrer do trabalho.

2. Do comentário ao comentário on-line: uma visão panorâmica

Costa, em seu *Dicionário de gêneros textuais*, define o gênero comentário como um texto:

[...] usado tanto na escrita quanto na oralidade, [...] a um conjunto de notas ou observações, esclarecedoras ou críticas, expositivas e/ou argumentativas, sobre quaisquer assuntos. São análises, notas ou ponderações, [...], geralmente curtas, acerca de um texto, um evento, um post de blog, um ato, etc. (COSTA, 2008, p. 83)

Originalmente, comentários, comentários críticos, comentários opinativos, comentários argumentativos, comentários interpretativos críticos ou comentários *off-line*, já que são inúmeras as nomenclaturas encontradas nos mais diversos contextos e materiais pedagógicos, nasce-

¹ Neste estudo, todos os sinônimos de cibercomentário serão usados e possuirão o mesmo valor semântico/social.

ram na cultura oral. Isso pode ser afirmado, pois seu uso pode se dar tanto em interações formais – como em defesas de dissertação, debates acerca de um projeto de lei – a cenários cotidianos e informais que sempre existiram, como em conversas entre amigos. Esse último se destaca, pois trocas comunicacionais corriqueiras são, muitas vezes, enviesadas pela perspectiva crítica dos interlocutores, já que existe, conforme Cabral (2019), o pressuposto de que a argumentação é um fenômeno que perpassa as interações humanas, manifestando-se, muitas vezes, por meio de comentários críticos.

Tal forma de comunicação, então, largamente usada na oralidade e em virtude de sua eficiência, foi atualizada para a escrita, tendo sido materializada pela primeira vez na Grécia Antiga, no século VI a.C., mais especificamente nos comentários que Teágenes de Régio teceu sobre Homero, conforme apresenta Paveau (2021). A prática de comentar, seja ela oral, seja ela escrita, manteve-se continuamente até os dias atuais, adaptando-se aos novos suportes, aos modos de linguagem e às novas tecnologias, e adentrando, mais recentemente, o ambiente virtual.

Essa conversão para o digital aproxima e distancia, ao mesmo tempo, o comentário *on-line* de seu gênero de origem (o comentário *off-line*). Da mesma forma que o comentário (oral ou escrito), o comentário *on-line* parte de um texto prévio, podendo ser ele materializado em quaisquer modalidades da linguagem e pertencer aos mais variados gêneros discursivos, como artigos de opinião, notícias, outros comentários etc. Devido a essa relação do comentário *on-line* com um texto primeiro, Paveau (2021) destaca a ampliação enunciativa e discursiva do comentário *off-line*.

No primeiro caso, os comentários são uma expansão da enunciação editorial, uma vez que, geralmente, encontram-se na mesma página do texto primeiro. Já como ampliação discursiva, os comentários estendem/ampliam o texto original, podendo, até mesmo, provocar atualizações, ou transformações em seu sentido, orientando, também, a forma como ele é lido e interpretado. Assim, se o texto nativo *on-line* “parece fechado por seu escritor no momento de sua publicação, permanece aberto devido à possibilidade dos comentários – e pode ser fechado apenas com o fim deles” (PAVEAU, 2021, p. 106). O fechamento do texto é, então, resultado tanto da vontade do autor quanto dos internautas e das possibilidades tecnológicas nas quais está inserido.

Em linha semelhante, a simultaneidade, oriunda das trocas promovidas durante a projeção dos comentários *on-line*, é outra característica relevante de seu funcionamento. Vários comentários virtuais realizados a postagens e a respostas a esses mesmos comentários podem ser realizados no mesmo espaço de tempo, elucidando a potente dinamicidade que enviesa esse gênero discursivo. A vasta cadeia de comentários *on-line* coconstruídos pode, então, manter, remodelar ou promover a reflexão das perspectivas críticas dos leitores desse gênero, tal como mencionado no parágrafo acima, o que interferirá nos discursos que serão, a partir desse cenário, por eles proferidos. Na oralidade, a simultaneidade não é possível, já que, se ocorresse, não permitiria que o locutor compreendesse todos os enunciados orais produzidos por aqueles que desejassem interagir via comentários, ou seja, os interlocutores.

Maffesoli (1996) destaca que os objetos de comunicação que nos cercam se tornam um condensado de tempo e espaço, aniquilando o futuro e promovendo um instante eterno. As tecnologias virtuais incrementam essa percepção temporal, introduzindo a simultaneidade. A rapidez proporcionada pela revolução digital invade a vida social, levando ao abandono de velhas formas sociais e à mudança das percepções e das noções sobre identidade pessoal e sociedade. (LIMA *et al.*, 2016, p. 91)

Nesse sentido, o comentário *on-line* se configura como um profícuo instrumento de interação e amplificação crítica de conteúdos publicados por sites jornalísticos e por usuários/perfis de redes sociais, tendo em vista que o sujeito poderá produzir reações (respostas/réplicas) direcionadas de maneira direta às postagens, aos veículos de publicação, a outros comentaristas, a outros enunciadoreis relacionados à informação ali veiculada etc.

Outros aspectos do comentário *on-line* que o distanciam do comentário *off-line* são sua publicidade e visibilidade (Cf. PAVEAU, 2021). Enquanto os comentários *off-line* se mantêm restritos aos participantes da comunicação, no mundo *on-line*, eles são públicos e visíveis, principalmente em sites de informação, blogs e em redes sociais de empresas, instituições ou de famosos. Vale ressaltar que, em alguns casos, os usuários dessas redes podem configurar suas páginas pessoais para serem visualizadas apenas para “amigos”, tornando os comentários restritos.

De modo mais específico, os comentários *on-line* diferenciam-se dos oralizados por sua capacidade de permanência; um registro visual quase indissolúvel, comumente.

Essas interações, na Internet, são percebidas graças à possibilidade de manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali. [...] Assim acontece com a maior parte das interações na mediação do computador. Essas interações estão fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador a percepção das trocas sociais mesmo distante, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas. (RECUERO, 2009, p. 30)

É indiscutível que tais enunciados podem ser excluídos por seus produtores no ambiente virtual ou desaparecer, a priori, caso as páginas nos quais se encontram também deixem de existir (Cf. RECUERO, 2009). Todavia, basta que recursos de captação de tela sejam feitos para que tais comentários, ao serem replicados na rede mundial de internet, permaneçam circulando no ambiente virtual indiscriminadamente. Esse fato geralmente não ocorre com comentários cotidianos orais, salvo casos de gravação de áudio, o que não é comum a todas as trocas cotidianas. Após publicados, os comentários *on-line* são lidos e relidos por inúmeros indivíduos e realocados nas mais variadas épocas sociais do ciberespaço, podendo, inclusive, ser problemáticos quando retirados de contexto.

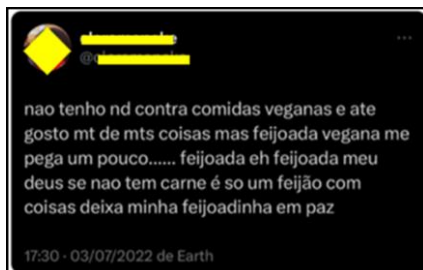
Um exemplo dessas afirmações foram os comentários *on-line* realizados no *Twitter*, atualmente X, por uma jovem atriz. Há alguns anos, a artista postou na web comentários em que criticava personalidades ou fatos sociais, como o consumo de comidas veganas (Figuras 1 e 2), e que foram recentemente resgatados e repostados por diversos usuários. Em resposta a essa situação, também no X, já em 2023 (Figura 3), a atriz rebateu as postagens apontando sua mudança de mentalidade quanto a tais assuntos: “Meus amores, minha alma ‘twittera’ morreu em meados de 2021. Então, por favor, não me cobrem a mesma eloquência. E sim, sigo sendo essa metamorfose ambulante, mudando de opinião a cada esquina e viva as incoerências. Obrigada por tudo, amo vocês. E fim de papo”, disse ela.

Figura 1: primeiro cibercomentário da atriz.



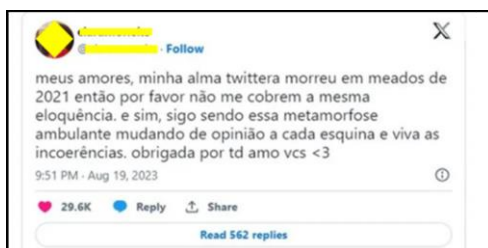
Fonte: BuzzFeed.

Figura 2: segundo cibercomentário da atriz.



Fonte: Buzzfeed.

Figura 3: terceiro cibercomentário da atriz.



Fonte: revista Vogue.

Esse fato evidencia quão desconfortável o resgate dos comentários desatualizados na web pode ser, haja vista que, na perspectiva de alguns enunciadores, como o exemplo da artista, seus posicionamentos já passaram por modificações ao longo do tempo. Tal acesso não seria possível caso comentários orais não fossem registrados via gravação. Somente a permanência das informações possibilitada pela esteira virtual viabiliza a (re)disseminação de enunciados outrora partilhados, permitindo que sejam rediscutidos por tempo indeterminado.

3. Descrição e funcionamento do gênero cibercomentário: Contribuições dialógicas e tecnodiscursivas

Em seu famoso texto “Os gêneros do discurso”, Bakhtin (2003 [1952–1953]) defende que os modos de utilização da língua são tão diversos quanto às esferas das atividades humanas nas quais ela é sempre utilizada. Esse uso da língua, por sua vez, acontece a partir de enunciados

orais e escritos – e acrescentamos multimodais –, concretos e únicos, uma vez que são sempre produzidos em uma enunciação específica, com participantes determinados e em um momento histórico e cultural particular, de modo que seu significado é inseparável das condições enunciativas em que ocorrem.

Devido a essa inseparabilidade da enunciação, Bakhtin (2003 [1952–1953], p. 261) ainda afirma que “esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo”, o que pode ser observado nos três elementos, que, segundo ele, formam um gênero do discurso: o conteúdo temático, o estilo verbal e a estrutura composicional. É por isso, também, que “cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 2003 [1952–1953], p. 262) (destaques do autor), isto é, os gêneros do discurso, que, se por um lado, detêm funcionalidade e organização prototípicas, por outro, são plásticos e voláteis.

A descrição de cibercomentários de redes sociais que realizaremos em seguida é fundamentada tanto na vertente bakhtiniana apontada quanto na tecnodiscursiva de Mari-Anne Paveau (2021). As afirmações de Paveau voltam-se para o que a analista do discurso considera como perspectivas logo e antropocêntricas, isto é, centradas na palavra e nos seres humanos, e propõe uma abordagem ecológica e integrativa, reconhecendo a interdependência entre os humanos e as tecnologias, considerando o ambiente digital como um ecossistema, e não apenas como um suporte, em que agentes humanos e não humanos interagem e coconstroem os discursos. Nas palavras da autora:

Não se trata de hipertrofiar o tecno- e recair numa mitologia da máquina todo-poderosa destituindo o humano de sua condição de sujeito, mas parece fora de propósito manter uma definição homogênea e exclusiva da linguagem como produto unicamente da faculdade humana controlada pela intencionalidade do sujeito. Falar em tecnodiscurso, em tecnolinguagem ou em análise tecnolinguística é, portanto, inscrever-se numa prática ecológica e pós-dualista da linguística. (PAVEAU, 2021, p. 31)

Nesse contexto, não há uma separação rígida entre humanos e tecnologias, mas, ao contrário, sua integração, uma vez que, no ambiente *on-line*, não encontramos apenas locutores que escrevem ou falam o que querem, já que essas ações só se realizam com a permissão das máquinas e de seus programadores, que moldam como a linguagem pode ser utilizada. O tecnogênero de discurso se trata, portanto, de “um gênero de discurso dotado de uma dimensão compósita, derivada de coconstituição do linguageiro e do tecnológico” (PAVEAU, 2021, p. 328). Trazendo à

tona tanto a perspectiva bakhtiniana sobre os gêneros quanto a proposta tecnodiscursiva, acreditamos conseguir descrever o cibercomentário de redes sociais em seus aspectos discursivos e também evidenciar o modo como as tecnologias delimitam ou restringem esse discurso, contribuindo para a sua coconstrução. Para tanto, a descrição do tecnogênero será acompanhada, à guisa de exemplo, de comentários retirados de dois posts.

Tais postagens foram colhidas no ano de 2022 na página oficial da revista Veja no *Instagram* e apresentam conteúdos políticos voltados para as eleições presidenciais do Brasil desse mesmo ano. Uma delas apresenta como sujeito protagonista o candidato Jair Messias Bolsonaro (Figura 4) e a outra o também candidato Luiz Inácio Lula da Silva (Figura 5).

Em ambas, além da imagem dos candidatos, há a inserção, feita pelo veículo jornalístico mencionado, de uma declaração proferida por eles naquele ano eleitoral, aparato comunicativo que acarreta, por sua vez, inúmeros cibercomentários a essas manifestações discursivas.

Figura 4: primeira postagem da revista Veja no *Instagram* selecionada e texto que a acompanha – Bolsonaro.



Fonte: elaboração própria.

Figura 5: segunda postagem da revista *Veja* no *Instagram* selecionada e texto que a acompanha – Lula.



Fonte: elaboração própria.

A construção composicional ou a forma composicional dos enunciados, conforme explica Maciel (2015), foi objeto de discussão do Círculo de Bakhtin em diversos trabalhos, tendo recebido olhares variados. Para o pesquisador, de modo geral, esse elemento do gênero foi entendido como algo próximo a uma “fôrma”, sendo “o esquema geral do texto, assim como sua estruturação textual em partes” (MACIEL, 2015, p. 254). Entretanto, o próprio pesquisador nos lembra da necessidade de relativizar essa “fôrma”, uma vez que os gêneros são maleáveis.

No que se refere à construção composicional dos cibercomentários das redes sociais *Facebook* e *Instagram*, pode-se afirmar que, geralmente, são marcados por dia, local, data e hora da publicação, além de contar com nome de usuário e foto, os quais podem ser reais ou fictícios, quando os usuários exercem o “pseudonimato” (Cf. PAVEAU, 2021). A prática do pseudonimato diz respeito à escolha pelo usuário de um nome diferente do seu nome de registro oficial. A nosso ver, o uso desse termo por Paveau (2021) carrega duas frentes: em primeiro lugar, retoma a ideia de pseudônimo quando outro nome é usado no lugar do nome de registro; em segundo lugar, o prefixo “pseudo” carrega o sentido daquilo que é falso, sendo, nesse caso, um falso anonimato. Entretanto, o falso anonimato, “(o fato de não revelar o nome), não existe como tal na internet, já que toda conexão requer uma identificação; o pseudônimo, como o endereço de IP, ou o nome oficial, constitui, conseqüentemente, um

identificador possível” (PAVEAU, 2021, p. 295), sendo viável apenas na *dark web* com o uso de criptografia.

A perspectiva tecnodiscursiva enfatiza ainda como os pseudônimos são delimitados/restringidos pelos dispositivos tecnológicos e, dessa forma, coconstroem esse gênero. Nesse sentido, Paveau (2021) lembra o impedimento da homografia em uma mesma plataforma, isto é, dois nomes de usuários, pseudônimos ou não, não podem ser grafados da mesma forma. Os nomes de usuários são únicos, de modo que “é mais anônimo ter um nome muito comum (...) do que um pseudônimo que identifica exatamente um único detentor” (PAVEAU, 2021, p. 296). Além disso, as plataformas, muitas vezes, restringem os caracteres que podem ser usados nos nomes de usuários, algumas permitem apenas caracteres alfabéticos, outras, numéricos e outros símbolos, evidenciando, também, como o gênero do discurso e o discurso são coconstruídos na relação humano-máquina. A analista do discurso ainda lembra que, apesar da existência de um metadiscorso que desvaloriza o pseudônimo e que carrega a ideia de transgressão de normas sociais, de delitos e de clandestinidade, ele é uma forma de proteção de dados, proteção de sujeitos, sendo “uma necessidade democrática” (PAVEAU, 2021, p. 308).

Outros elementos composicionais que, frequentemente, estão presentes nos cibercomentários de redes sociais, como o *Facebook* e o *Instagram*, são os “botões” “responder” e “curtir”, que, explicitamente, estabelecem relações entre enunciados e interlocutores. Tanto no *Facebook* quanto no *Instagram*, o “responder” liga dois ou mais cibercomentários. Entretanto, ao clicar em “responder” no *Facebook*, o usuário se depara com outros cinco “botões” (Figura 4): “comente com uma figurinha de avatar”, “insira um emoji”, “anexe uma foto ou vídeo”, “comentar com um GIF” e “comente com uma figurinha”, enquanto no *Instagram* (Figura 5) a única possibilidade apresentada é o “botão” “emoji”.

O “curtir”, por sua vez, é uma possibilidade de reagir de modo não verbal a cibercomentários já postados nessas redes. Paveau (2021, p. 107) os nomeia “enunciados de gesto” e explica que “constituem manifestações fáticas, expressando a emoção ou significando uma aprovação e numerosas outras significações”. No *Facebook* (Figura 6), especificamente, ao clicar em “curtir”, sete possibilidades de manifestações são mostradas: “Curtir”, “Amei”, “Força”, “Haha”, “Uau”, “Triste” e “Grr”, sendo cada uma marcada por um símbolo representante de cada reação e do qual o usuário pode se valer para registrar um posicionamento. Já no

Instagram, a possibilidade de manifestação não verbal também ocorre, mas de forma restrita.

No espaço lateral direito dos cibercomentários, há o desenho do contorno de um coração (Figura 7), o qual pode receber um clique e ser preenchido, ação que simbolizaria uma espécie de ciência e/ou anuência dos internautas com o conteúdo dos comentários virtuais. Por fim, nas duas redes (Figura 6 e Figura 7), após a escrita do comentário há um outro “botão” para enviar a mensagem, no *Facebook* ele é representado por uma seta azul, e no *Instagram* encontramos o escrito “publicar”.

Figura 6: composição dos cibercomentários no Facebook



Fonte: elaboração própria.

Figura 7: composição dos cibercomentários no Instagram



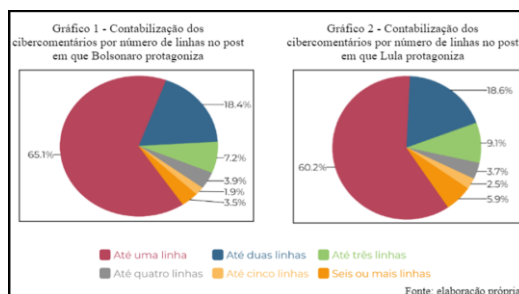
Fonte: elaboração própria.

A relação entre enunciados não é uma novidade, Bakhtin (2003 [1952–1953], p. 271) já explicitava a relação dialógica dos discursos e dos interlocutores ao afirmar que a compreensão da fala viva vem sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, colocando que “toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante”. O filósofo da linguagem ainda destaca que, nem sempre, a resposta acontece por sons, podendo acontecer por ações ou, ainda, acontecer com o tempo – é o caso da “compreensão responsiva de ação retardada”, mas que sempre forma um elo infinito na cadeia de enunciados.

Em sua abordagem tecnodiscursiva, Paveau (2021, p. 312) diferencia, em certo sentido, essa relação entre enunciados que depende de competências interpretativas dos interlocutores para (re)construí-la, o que pode se efetivar a partir da intertextualidade ou da memória discursiva, daquilo que ela chama de “relacionalidade material”. Nas palavras da autora, “na internet, em particular na web, e no quadro dos discursos elaborados em dispositivos, a relação é material, de natureza informática” (PAVEAU, 2021, p. 313), como constatamos com os botões “responder”, “curtir”, o coração em que se pode clicar e aqueles que enviam a mensagem propriamente. Essas evidências marcam, mais uma vez, que a escrita *on-line* e, de modo mais específico, a escrita de cibercomentários, não é de responsabilidade apenas dos escritores humanos, mas um processo colaborativo entre humanos e máquinas.

Mais um elemento composicional dos cibercomentários de redes sociais diz respeito ao seu tamanho. A fim de investigar esse elemento, realizamos uma contabilização do número de linhas de cibercomentários registrados nos dois posts da revista Veja (2022) no *Instagram* colhidos, incluindo os que respondem a outros internautas. Os resultados podem ser vistos nos gráficos a seguir.

Gráfico 1.



Os gráficos evidenciam que a maioria dos comentários *on-line* são curtos, formados por uma única linha (65.1% e 60.2%). Isso se justifica, a nosso ver, por alguns motivos principais: em primeiro lugar, destacamos que os cibercomentários circulam na esfera digital, que, por si só, trata-se de um ambiente mais informal que outras esferas sociais, de modo que postar um comentário longo possa parecer fora de contexto; além disso, os usuários, geralmente, navegam rapidamente pela web e não possuem disponibilidade ou paciência para ler comentários longos.

Comentários curtos, então, facilitam a interação e o engajamento, tornando as conversas mais dinâmicas e atrativas. Sabendo disso, as próprias plataformas criam restrições ao número de caracteres que podem formar o cibercomentário. Nesse sentido, mais uma vez, vemos a tecnologia delimitando como o gênero é produzido.

A informalidade e a rapidez, características da esfera digital, ainda influenciam de outros modos a maneira como os cibercomentários são construídos. Nesse sentido, destacamos que esses enunciados não apresentam uma ordem estrutural específica e nem partes que compõem esse texto bem delimitadas, diferenciando-se, por exemplo, de gêneros como notícias, teses ou resenhas críticas, que apresentam uma organização de texto em partes definidas. Assim, não é comum encontrar nos cibercomentários saudações, despedidas ou a estrutura de introdução, desenvolvimento e conclusão.

Dirigindo nosso olhar a outro elemento que compõe os gêneros do discurso, o conteúdo temático para Bakhtin (2003 [1952–1953], p. 297) também se fundamenta fortemente nas relações dialógicas, uma vez que “os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente nos outros”. Nesse sentido, o objeto do discurso de um falante não se forma pela primeira vez em um enunciado, já que nenhum falante é um Adão bíblico que se depara com objetos não designados. É a partir do que já foi dito que o falante constrói seu objeto de dizer. Para além das relações dialógicas, o conteúdo temático, grosso modo, diz respeito ao assunto/tema da enunciação, conteúdo esse que também é “inferido com base na apreciação de valor, na avaliação e no acento valorativo que o locutor (falante ou autor) lhe dá” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 87).

No que se refere aos cibercomentários das redes sociais mencionadas, vale apontar que o tema é muito variado. Isso pode ser afirmado, pois, como mencionado no início deste texto, os cibercomentários são oriundos de outros textos, os quais podem conter temas dos mais diversos, o que acarretará, por sua vez, cibercomentários com conteúdos temáticos também dos mais diferentes possíveis.

Como forma de ilustrar tema e também apreciação valorativa, selecionamos cibercomentários oriundos das postagens selecionadas e que apresentam como tema posicionamentos acerca do contexto social no qual estavam ancorados, ou seja, posts com assuntos políticos em ano para a eleição do presidente do Brasil. Em geral, o acento valorativo

desses cibercomentários voltava-se para a violência verbo-visual por eles projetada, o que pode ser percebido na desqualificação dos alvos Lula e Bolsonaro. Exemplos dessa afirmação são os cibercomentários sobre Jair Bolsonaro, em que temos: “Alguém coloca uma focinheira nesse homem”, ou “Escoria! Volta logo pras trevas...”, referindo-se ao então candidato; cenário que se repete na postagem em que Lula é o protagonista: “O diabo virou Cristão”, ou “Melhor palhaço da história!”. Claramente, os cibercomentaristas visam ao ataque da face do adversário, registrando o tema e os valores por eles imputados em cada manifestação virtual.

Devido a esses e outros problemas, Paveau (2021) afirma que, nos dias atuais, os comentários *on-line* são alvos de críticas. Nas palavras da autora, o comentário *on-line* “aparece cada vez mais como um espaço de violência verbal com consequências negativas na difusão e na recepção da informação, assim como para a qualidade da comunicação *on-line*. (Cf. PAVEAU, 2021, p. 97). Por serem considerados, em grande parte, agressivos ou insultantes, estão sendo filtrados pelos moderadores dos sites, sendo inviabilizados antecipadamente pelas plataformas.

Ainda conforme Paveau (2021), outras soluções encontradas é a possibilidade de alguns sites e plataformas selecionarem os melhores comentários após determinado período de tempo, desconsiderando outros. Acrescentamos, ainda, que algumas plataformas restringem a temática violência a partir de programas que conseguem verificar palavras que por si só carregam conteúdo semântico violento, como “suicídio”, “estupro”, “morte” etc., censurando esses cibercomentários. Essas medidas tomadas evidenciam, novamente, as restrições tecnológicas impostas nas produções tecnodiscursivas.

Por fim, para Bakhtin (2003 [1952–1953]), o estilo é outro elemento que constitui o enunciado, estando ele ligado às escolhas dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua feitas pelo falante/escritor. Se, por um lado, o estudioso reconhece o caráter individual do estilo que pode se manifestar em qualquer texto, ressaltando que alguns gêneros são mais propícios a essa expressão individual, como os gêneros literários, por outro lado, estabelece que os gêneros do discurso exercem forte influência nessas escolhas. Assim, para ele, “Todo estilo está indissolivelmente ligado ao enunciado e as formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2003 [1952–1953], p. 265), de modo que o estilo é, em certo sentido, um reflexo do gênero.

Vale acrescentar que o estudioso, quando desenvolveu tais ideias, vivenciava um contexto linguístico e social muito distante do que presenciemos hoje, haja vista que essa teoria foi apresentada por ele no século passado. Na atualidade, o estilo é, para além do que ele propôs, um fenômeno que envolve diversos aparatos multissemióticos, em razão das muitas ferramentas de comunicação possibilitadas pelo ciberespaço.

Nos cibercomentários selecionados neste estudo oriundos das postagens da revista *Veja* (2022), são muitos os recursos que constituem o estilo verbal desse gênero discursivo, tendo em vista sua manifestação no ecossistema da internet. Nele, o uso de termos abreviados, como em “Tá desesperado”, “Só fala o que o gato enterra pqp”, a despreocupação com a norma-padrão, por exemplo, em “Ex presidiário”, “A micheque 89 conseguiu se entregar as rachadinhas”, a substituição de itens lexicais por recursos oriundos do ciberespaço, como em “Ladr@ao”, “Só fala m&rd@” e a inutilização de pontuação, tal qual em “Cala a boca Jument0”, marcam, por exemplo, a construção do estilo desse gênero do discurso. A nosso ver, essas substituições são mais que apenas brincadeiras com os elementos virtuais, podendo ser, em certos casos, tentativas de driblar os sistemas que reconhecem o uso de certas palavras e expressões indicativas de violência ou conteúdo inapropriado, a fim de que o cibercomentário não seja excluído pelas plataformas.

Além desses recursos, o uso de emojis (pequenas imagens que transmitem a ideia de um termo ou de uma frase) e de *hashtags* (união de uma palavra-chave a qual é antecedida pelo símbolo “#”, denominado cerquilha e conhecido como “jogo da velha”, utilizadas para direcionar os internautas para conteúdos a ela relacionados) marcam os estilos aplicados nos cibercomentários. Paveau (2021, p. 226) define a *hashtag* como uma tecnopalavra “porque ela possui uma natureza compósita: o seguimento é tanto linguageiro (trata-se de siglas, palavras, expressões ou mesmo frases inteiras) quanto igualmente clicáveis, uma vez que é um *link* que permite a criação de um fio”. No cibercomentário, ela não é inserida em um lugar fixo, podendo constar no início, no meio ou no fim da manifestação comunicativa. Ilustram essas afirmações os cibercomentários endereçados a Lula e a Bolsonaro, “Burro”, e “#forabolsonaro”, “#foraluladrão”, largamente usados nas postagens da revista *Veja* (2022), por serem, sobretudo, interações rápidas e imersas na mecânica da comunicação instantânea das redes sociais. Esses recursos disponíveis apenas em alguns meios tecnológicos ajudam, portanto, na coconstrução do texto, sendo possível afirmar que “a produção linguageira na máquina

é, na verdade, uma produção *da máquina*” (PAVEAU, 2021, p. 33) (destaques da autora).

4. Considerações finais

A era digital proporcionou o surgimento de diversas novas formas de comunicação, fazendo emergir, nesse contexto, uma grande quantidade de novos gêneros discursivos. A maior parte deles é oriunda de adaptações de gêneros que já existiam na oralidade ou no papel, como o cibercomentário. Nesse sentido, vimos o comentário e o cibercomentário se aproximarem por ambos partirem de um texto prévio e, ao mesmo tempo, distanciarem-se pela simultaneidade, pela publicidade, pela visibilidade e pela permanência, características do comentário digital.

Na descrição e análise do gênero, foi possível perceber não só suas características prototípicas relacionadas aos elementos que, conforme Bakhtin (2003 [1952–1953]), constituem os gêneros – estrutura composicional, conteúdo temático e estilo verbal –, mas também como cada um desses elementos sofre influências tecnológicas, a ponto de o gênero ser classificado, na realidade, como um tecnogênero (Cf. PAVEAU, 2021). Desse modo, vimos como o cibercomentário de redes sociais não é apenas uma construção humana, mas o resultado da relação humano-tecnologia, dependendo, nesse sentido, não só da manipulação dos sujeitos comunicantes, como daquilo que é permitido ou não pelas ferramentas tecnodigitais. Como cada página da internet ou rede social define suas propriedades de postagem, defendemos que as tecnologias são grandes responsáveis, também, pelas variações de um mesmo tecnogênero, mais especificamente, de um cibercomentário em redes sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. ([1952–1953]). Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. Trad. de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261–306

CALAZANS, V. *10 Tweets antigos de Clara Moneke que mostram que a lenda FALA MESMO*. BuzzFeed. 2023. Disponível em: <https://buzzfeed.com.br/post/tweets-antigos-de-clara-moneke>. Acesso em: 01 nov. 2023.

COSTA, Sérgio. Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

COSTA, Sérgio. Roberto. O discurso eletrônico-digital. In: ARDAILLON, D. et al. *Dar nome aos documentos: da teoria à prática*. Trabalhos apresentados no seminário realizado em São Paulo, de 24 a 25 de outubro de 2013, no Instituto Fernando Henrique Cardoso. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2015.

MACIEL, Lucas Vinício de Carvalho. Os elementos constitutivos do enunciado em suas relações dialógicas: um exemplo de análise. *Linguagem em (Dis)curso–LemD*, v. 15, n. 2, p. 249-66, Tubarão, maio/ago. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ld/a/JCKZJ7ps9ntsJyDBzNbC6Xp/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. (Orgs). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 19-36

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. *Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos*. São Paulo: Parábola, 2015.

PAVEAU, Marie-Anne. *Análise do discurso digital*: dicionário das formas e das práticas. Campinas: Pontes, 2021.

Outras fontes:

VEJANOINSTA. Evento no Palácio do Planalto – ‘Hoje em dia, as mulheres estão praticamente integradas à sociedade’, diz Bolsonaro no Dia das Mulheres. Instagram. 08 mar. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Ca2iUKIN3uj/> Acesso em: 01 out. 2023.

_____. Política – Lula deve divulgar carta a evangélicos e reafirmar “respeito a individualidades” religiosas. Instagram. 12 out. 2022. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjoNdzWtP75/>. Acesso em: 1 out. 2023.

VOGUE. Clara Moneke se pronuncia sobre tweets antigos resgatados por internautas. 21 ago. 2023. Disponível em: <https://vogue.globo.com/celebridades/noticia/2023/08/clara-moneke-se-pronuncia-sobre-tweets-anti-gos.ghtml>. Acesso em: 01 nov. 2023.